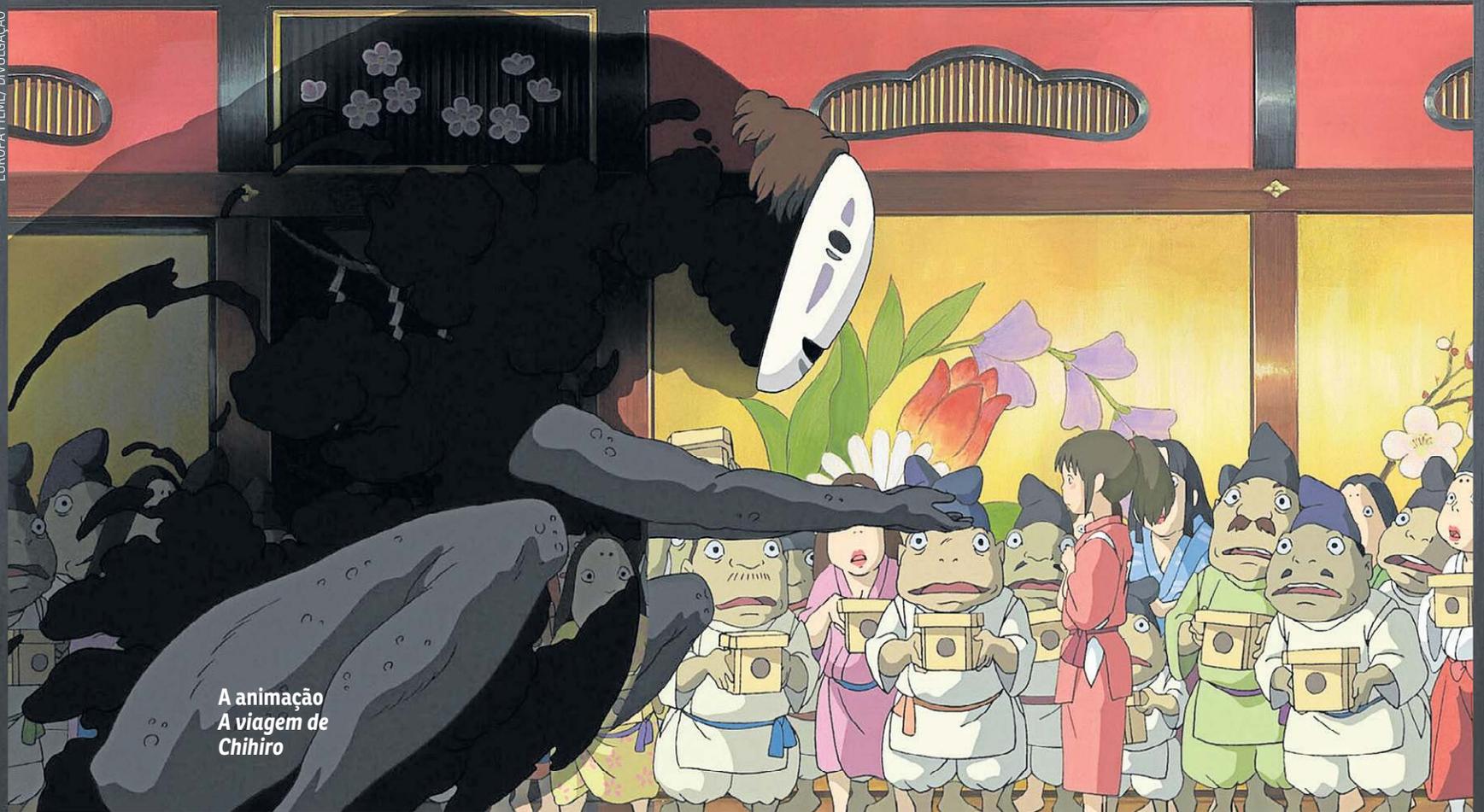


## Crítica // A viagem de Chihiro ★★★★★

EUROPA FILME/ DIVULGAÇÃO



A animação  
A viagem de  
Chihiro

## Um viajante clássico

Ricardo Daehn

O Urso de Ouro no Festival de Berlim e o Oscar de melhor filme de animação, há mais de 20 anos, estabeleceram um patamar de respeito para *A viagem de Chihiro*, que volta aos cinemas, diante da celebração, entre sete títulos da marca Studio Ghibli, de um festival insuflado pela popularidade de produtos culturais japoneses como mangás (desenhos em quadrinhos) e outras animações — os cultuados animes. As sessões de Chihiro será sábado, às 16h e 18h30 (no Caixa Cinesystem) e às 18h10 (no Cine Brasília que terá 15 sessões do Ghibli até domingo).

Dirigido por Hayao Miyazaki (hoje, com 84 anos), *A viagem de Chihiro* impulsionou o crescente de interesse

por aventuras nipônicas; só no Brasil, estreou em 107 salas de cinema. O tema da espiritualização e do ganho de confiança da protagonista numa jornada xintoísta (que abraça harmonia entre antepassados e natureza) foi destacado em antiga entrevista de Miyazaki. “Não é meu papel educar as pessoas sobre ecologia. Porém, projeto as experiências pessoais sobre meus filmes. É verdade que ajudo limpando o rio que corre por minha casa. E prefiro as árvores ao concreto”, observou o mestre.

Chihiro, na saga por maturidade, traz o benefício da feminilidade, com acesso facilitado ao sobrenatural. Consumo desmedido e desvalorização de pequenos prazeres, junto com aprendizados por seres fantásticos influenciam

na transformação de Chihiro. O longa expõe o entrosamento com kami (as divindades da natureza).

Com folhas espalhadas pelo ambiente (dispostas com a finalidade de espantar males), Chihiro, contrariada, inicia uma jornada de mudanças, ao adentrar um túnel misterioso, com os pais que estão destinados a viverem noutro lugar. Uma yuya (casa de banhos) repleta de deuses acentua elementos politeístas do longa. No local, a bruxa Yubaba, que administra o local se reveza em aparições com a gêmea, Zeniba. Nisso, o diretor alterna a divindade ruim com a versão “hare” (que encerra purificação). Yubaba trabalha, desmedidamente, e Zeniba deixa aparentes qualidades, no terreno mais doméstico.

Numa seca análise, que trata das utilidades dos seres, a figura de Kamaji impressiona: não tem braços ou pernas que deem conta do volume de labuta. Manejando fichas e toalhas na casa de banho, Chihiro se atrapalha com as tarefas no “bandai” (balcão). Espíritos descontentes, junto com planos de agressividade e vingança convidam à percepção do teatro não acoplado à trama da animação. Em termos culturais, o linguajar adotado pela menina: vai de construções polidas até o patamar de respeito máximo a terceiros. Curioso que o longa ainda sublinha um quê de desprezo por humanos, e na mesma medida, pelo dinheiro. Um deus vagante chamado Sem Rosto (Kaonashi) coloca à prova valores (ao descartar dinheiro).